



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VI—N.º 149
PREÇO 1\$00

UMA CARTA

«Um filho ilegítimo» manda-lhe essa pequena quantia para os seus irmãos de origem...
Infelizmente não posso dar mais.
Será lícito a um filho sentir desprezo pelo pai, quando este fugiu à responsabilidade? Com a ajuda de Deus consegui vencer na vida, mas porque privações não passei...
Continuo a ler a vida pelo seu jornal.

É de Lisboa. Não trás assinatura, mas trás um grande sinal e quem a escreve é Alguém. Letra rasgada e muito boa de ler. Forma impecável. Matéria incandescente. Eis a carta.

Aparece encastada nesta primeira coluna por ser o lugar destinado às coisas de maior relevo. Ela tem relevo espiritual e é um formidável depoimento. Tratando, como trata, de um caso frequentíssimo na vida social, não é, contudo, um caso vulgar. Que ninguém o tome por tal, porque frequente. Ninguém. Aonde quer que a justiça se apresente a reclamar o que é seu, não pode haver vulgaridade; é tudo muito grave e muito importante.

O autor escreve as suas memórias em quatro linhas, sendo cada letra uma pinta de sangue. Como este, muitos outros o poderiam fazer pois que o mundo anda cheio destas lágrimas interiores, a causar homens desgostosos. Não digo homens infelizes; digo simplesmente tristes e desgostosos. Infeliz é, sim, o senhor *Ilegítimo*. Podemos dizer que não existe em Portugal canto nem quelho de onde não saiam pais desta natureza. A carta é carapuça para todos e pode ser aplicada a cada um. Que eles saibam, pelas regras deste herói desconhecido, que todos os seus actos são moralmente invalidados, pelas privações que fazem passar e lágrimas que fazem verter, aos maiores dos inocentes. Isto é muito sério. Isto é muito grave. Que ninguém chame vulgar aquilo que é frequente.

Não importa a sua posição, o seu caso, o seu problema. Não importa o favor das leis civis. Nem os costumes, nem os conceitos, nem as opiniões. Tampouco vale a desculpa de que todos assim fazem hoje e ontem também. Nem sequer a ignorância livra o pai ilícito de prestar contas, que a justiça não prescreve. — Falo como pregador das verdades eternas.

O autor sublinha o *um filho ilegítimo*, significando que repudia a fórmula jurídica, afirmando por isso mesmo que o pai é que o é. O pai ilegítimo é vivo. O filho sabe quem ele é, e tanto assim que tem dúvidas se o deve desprezar. Encontra-o nas ruas. Mais sangue inocente!

Estava eu há dias no Lar do Porto. Era meio dia. Entra um dos nossos rapazes que vinha do trabalho com olhos humedecidos. Perguntei-lhe o que tinha e ele desata a soluçar. Tinha visto o seu pai! Isto é matéria de contas no tribunal da hora derradeira. Ou restituir ou responder. Eu acredito na Justiça de Deus. Eu sou um pregador das verdades eternas.

Meu caro amigo lisboeta; nós somos desconhecidos mas entendemo-nos às maravilhas. Acredite na minha simpatia por si, pelo seu caso, pelo seu desgosto; por tudo quanto tem feito e faz de si um homem valoroso. De preferência a desprezar, eu acho melhor lastimar. Por amor daquele Deus que o tem ajudado a vencer na vida, deplora. Deplora mais um pobre vencido e infeliz; — O *Ilegítimo*! Deus não lhe falta, acredite.

Que este forte e nobre depoimento seja um toque; um brado. Primeiramente às consciências, depois à lei. E' pelas malhas de uma legislação deficiente que escapam tantos destes infractores.

Eu nunca li, mas tenho ouvido falar na Constituição do nosso país. Sendo nós um povo tradicionalmente cristão, o capítulo Família tem necessariamente de vir no cabeçalho com todas as leis de amparo e protecção.

Eu tenho que uma lei severa, de carácter punitivo, havia de reduzir consideravelmente a percentagem dos nascimentos ilegítimos e dar ao mundo mais alegria.

De como eu fui

por aí abaixo até LISBOA

Não é nada fácil despegar daqui para uma viagem, por mais curta que ela seja. As coisas sucedem-se e avolumam-se e não sabemos como aplinar antes de sair.

Foi assim desta vez. Não me queria ir embora sem fazer um tribunal. Era o Juvelino. As queixas ferviam e todos se queixavam da mesma coisa: *êle fala muito mal*. Os queixosos queriam reproduzir, mas eu dizia; *alto!*

Veio a noite, a hora das contas. Estamos uns cento e oitenta. Os da cozinha espreitam. Faz-se silêncio. Eu chamo em voz alta o arguido, que vem direitinho a mim e estreita-me. Bom sinal. Não tem medo. Será um óptimo réu. A seguir chamo os queixosos.

Que outra linguagem podia usar o réu, pois se ele tinha chegado há dois dias da viela?! Se fossemos a castiga-lo, que fazer aos verdadeiros culpados?!

O "Morris" estava fora à minha espera; passava muito das nove e eu havia de estar no Lar do Porto às dez para também fazer um tribunal. Ali são mais difíceis os tribunais; não há réus inocentes. Três dos rapazes estavam ausentes. Eles frequentam escolas nocturnas. Achei melhor adiar e demos as boas-noites.

Tinha lugar marcado no avião da manhã e estava esperando a hora em frente à Brasileira, de onde a gente sai para Pedras Rubras. Era cedo. Trapeiros e Trapeiras lançam-se sobre caixotes de lixo, desesperadamente, e passam alguns à minha beira, muito sujos, sobraçando lixo. Não olham para ninguém, ocupados e apressados com a sua tarefa.

E' o pão! Tirei da algibeira o meu porta-moedas, e não passava nenhum ou nenhuma que eu não remediasse. Gosto; tenho paixão de dar a esta classe de gente. Foi assim que enriqueci em Coimbra, outrora. Eu

conhecia todos os farrapeiros e eles sabiam como eu me chamava.

A derradeira a passar por mim, era uma mulher nova e bem parecida, de preto. Não lhe perguntei, mas presumo: família da província que veio para a cidade e aqui perde o marido. Ele há tantas e tantas assim! E' a história do tugúrio.

Aproximei-me. A mulher teve medo. Não queria aceitar e limpa as mãos por duas vezes antes de receber as moedas—*oh meu senhor!* Limpou as mãos na saia. Estavam de lixo, sim, mas não eram mãos sujas. Não eram mãos sujas, não senhor. Quantas, de luvas, o serão mais! Oh mundo, abaixa-te com humildade, para não te rebaixares.

Iam sendo horas da partida. Outros passageiros aproximavam-se. Não me soube furtar a uma vaidadezinha interior: voar! Aí vem o automóvel que nos havia de conduzir. Mal tomo lugar e eis que sinto, nas minhas, pecadoras, a mão de uma mulher do povo com um sorridente *tome lá*. Eu tinha dado muito aos farrapeiros mas ela deu-me mais—500\$00 escudos! E' uma viúva. E' uma leiteira e esta é a segunda vez que, sem dizer como se chama, me dá igual quantia! Se eu soubesse onde ela mora e o nome que tem, havia de pedir-lhe para vir passar connosco algumas horas e colher aqui, entre os mais pequeninos, o fruto da sua generosidade. Se tanto ama a distância, como não há-de amar na presença! E' uma viúva.

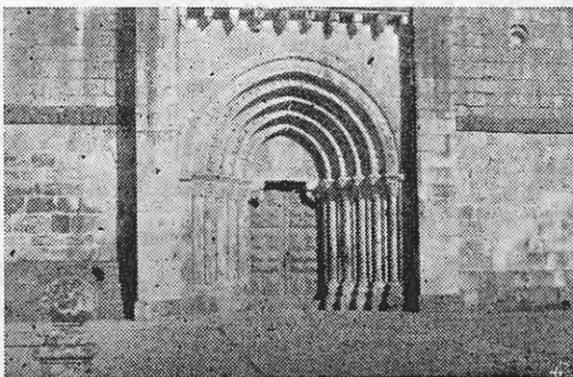
A' hora marcada descíamos na Portela de Sacavém e uma hora depois já estava a rasgar chita nos Ministérios. Não é preciso perguntar se o Ministro está. Eu cá dou fé pela presença ou ausência dos seus carros; está este, está Aquêle.

De tanto ser falado e discutido, os senhores dos Ministérios já me conhecem mais. Até ando de elevador! Os contínuos tomam-me por um braço delicadamente: *tome aqui o elevador*. E eu vou de elevador! Mais vaidadezinha.

Desta feita bati à porta de três e todos estavam em casa.

Apenas aviado regressiei ao Porto. Não foi por avião mas sim no carro particular dum amigo. Almoçamos em Coimbra tendo ali conversado com alguns dos nossos rapazes, entre os quais o Zé Eduardo; *o da pensiosinha*. Ao cair da tarde estava no Lar do Porto. Como fosse sábado, três que faziam semana inglesa, tomaram lugar no "Morris" e seguimos a caminho de Paço de Sousa.

Os séculos! Este é o pórtico do famoso templo de Paço de Sousa. As almas afeitas à reflexão, gostam de ver e de ligar o pórtico da igreja à obra social que ora ali se levanta: ARTE BELEZA AMOR



CARTA DO BRASIL Do que nós necessitamos

Nós tínhamos pernoitado num magnífico hotel à beira-mar, por cortesia do seu dono. A janela do quarto dizia para as ondas. A vida de praia começa ali muito cedo, e só nisto é que difere das nossas; porquanto homens, mulheres e crianças, banham-se e divertem-se da mesma maneira. Tomado o almoço, o senhor que ontem nos trouxera de S. Paulo estava pronto a regressar, e assim aconteceu. Disseram-me de lindos lugares que é costume e vale a pena serem visitados e eu acredito que assim seja.

Não era disposição; o tempo é que me faltava. Tomamos pela estrada que nos trouxe. Porque se encontra ainda em construção, a começar em S. Paulo, a estrada, à saída de Santos, não tem a mesma grandiosidade, mas é boa.

O tráfego é importante e apinhado, sendo muitas as paragens obrigadas até que se entra na via larga. Orlas de anúncios pintados vão informando a gente dos artigos de toda a ordem que a América exporta. Sucedem-se uns aos outros e isto de ponta a ponta. Talvez por um estudo profundo do ser humano, a América parece confiar mais no reclame do que na qualidade. Dentro de uma hora estávamos em S. Paulo.

A primeira coisa de que demos fé, foi que tínhamos deixado em Santos o documentário que havia de correr num cinema, uma hora depois da nossa chegada. A primeira coisa de que se tratou foi de saber de quem tinha sido a culpa; eram quatro os implicados mas, como sempre acontece, ninguém a quis para si. Telefonou-se e uma hora depois estava tudo remediado e a fita correu dentro da hora marcada, tais as facilidades de trânsito entre as duas cidades.

Estamos de novo no coração de S. Paulo e antes de prosseguir, quero fazer uma pausa, por amor de uma tragédia que ali aconteceu, segundo notícias de jornais que hoje de lá recebi.

Uma mulher electrocutada à qual acodem três filhas e uma tia e ainda um rapaz, os quais todos tiveram a mesma sorte. Isto deve ter chocado profundamente o coração dos paulistas, pela ternura do acontecimento; filhos tentando salvar a mãe! Um dos jornais que me veio ter à mão com esta notícia, fala de fatalidade, realidade revoltante, véu negro, destino inexorável e mais coisas assim. Não. Ninguém vá por estes caminhos que se perde.

Que ninguém jamais se revolte por não compreender. O próprio choque que causou a morte, vem de um elemento da natureza que se conhece, mas não se compreende. Ajoelhar sim. Silêncio e humildade. A melhor forma de adorar a Deus é confessá-lo justo em todas as suas obras. Não há outra atitude racional diante de casos desta natureza. Nós não podemos nada. Nós não sabemos nada. Nós não valemos nada.

Os cataclismos dominam. Aceitam-se e não se discutem. É o Criador na sua Criação. E esta doutrina também é certa nas relações sociais de todos os tempos. Pró que, veja-se o panorama dos nossos dias: antigos embaixadores, antigos ministros, antigos generais. Homens ontem supremos hoje executados! E que dizer de cardeais, bispos, e sacerdotes! Eu tremo ao ler estas notícias no jornal.

Nós não podemos nada nem temos meios de nos defender. Quê? Somos então vencidos? Não. Não senhor; vencemos tudo e todos pela

força da humildade. É ela mesma que retira do nosso espírito as ideias de revolta, e implanta a doce compreensão das coisas eternas. No altar de pedra da nossa formosa capela, eu celebrei missa e associei-me cristãmente ao luto daquelas famílias.

Estávamos hospedados em um hotel modesto, ao pé da estação da Luz. É um quarteirão aonde os hotéis se contam por grande número, todos da mesma categoria. Os luxuosos são no centro da cidade. Eu pedi e deram-me um quarto no interior por causa do trânsito. Zé Eduardo preferiu um que dissesse para a rua. Assim como hotéis, também neste bairro existem inúmeros cafés. Não admira. A estação da Luz dá partida e recebe comboios do interior. Eu entrava frequentemente nestes cafés e Zé Eduardo também. Não há ali mesas pequeninas como estamos afeitos a ver na nossa terra.

Não há pasmaceira nem ocasião de dizer mal. É o chamado café a andar que se pede, toma-se e deslinda-se. Chácaras e pires encontram-se dentro do recipientes de metal, banhados em água fervente. Higiene perfeita. São italianos em regra os homens que nos servem. Tendo eu perguntado um dia se ali se venderiam três mil chávenas, o homem respondeu-me que no dia em que não mede 12.000 delas não faz bom negócio.

Eu acho que os paulistas são de muito bom gosto. O café é simplesmente delicioso.

Muitas vezes, ao acabar uma, eu perguntava ao Zé Eduardo se ele queria tomar outra chávena, e ficava muito contente ao ouvi-lo dizer que sim. Perguntava o guloso ao desejoso... Três tostões. Ao tempo de irmos embora, andava por lá grande questão sobre o preço da chávena de café; que ia subir para quatro tostões. Zé Eduardo lia nos jornais do dia as polémicas e comentava.

Ele dava fé de tudo e discutia tudo. Comparava as qualidades do café de Portugal e do Brasil, e antes queria, como muitas vezes me disse, dar dez tostões pelo café de S. Paulo do que quatro tostões por qualquer chávena do nosso. Eu cá também.

Notícias do Lar do Porto

1 Portuenses, aqui vai o primeiro pedido dos gaiatos do Lar do Porto. É a vós que nos dirigimos porque é no meio de vós que estamos a trabalhar.

Como aqui no Lar não temos um campo de futebol como os de Paço de Sousa, precisamos de arranjar uma biblioteca e jogos de mesa para passarmos os nossos recreios. Portanto aqui fica o nosso primeiro pedido; livros e jogos de mesa. Não confundir a morada: Rua D. João IV, 682 Porto.

2 Aos Ex. mos Senhores Directores do F. C. Porto muito temos que agradecer pela maneira como tem facilitado a entrada dos nossos rapazes no velhinho campo da Constituição.

Todos nós somos adeptos do futebol por isso gostamos de ir ver os nossos clubes a jogar.

Aos Ex. mos Senhores Directores do F. C. do Porto muito obrigado.

3 Da Junta Nacional de frutas deviam-nos nova remessa de fruta. Desta vez foram cento e quinze quilos de bananas.

Dos grêmios dos Armazenistas de Mercaria recebemos setenta quilos de arroz continental.

Mais dos grêmios das carnes treze quilos de carne sem osso.

Durante tres dias houve bifés.

O Rato pediu-me para por no jornal que o patrão lhe tinha dado uma gabardine. Agora, Rato, tem cuidado com os ratos, senão ficas sem a gabardine.

O crónista—CARLOS

Mais 1350\$90 de um senhor do Porto. Este dinheiro é para a compra do caixilho e estampa do Sagrado Coração de Jesus, que vai ter o primeiro lugar na nossa tipografia. O vale que lhe remeto foi pago com as mesmas notas e as mesmas moedas que recebi do meu ordenado.

Grande devoção!

O tórno é que não. Do tórno mecânico, nem recado nem mandado por enquanto.

O valor do meu pedido, não se há-de ir procurar em uma peça desta natureza para a oficina da nossa aldeia. Não senhor. Trata-se de coisa muito mais subida. O valor real consiste no aproveitar, respeitar, e amar a vontade de um rapaz que foi dos caminhos e hoje quer trabalhar na profissão que ele mesmo escolhe. Isto é que é o oiro. Este o valor. Mas infelizmente, poucos assim entendem.

Exemplo: Esteve aqui, há tempos, um grupo de visitantes.

Um deles destaca-se e entrou na casa do tear. Minutos depois volve com as mãos na cabeça e exclama: Venham ver um pequenino a tecer. Os homens entreolharam-se e não se mexeram: Nós já vimos isso na Covilhã! De entre tantos de que o grupo era feito, só um é poeta. Só um é capaz de compreender e amar. Aquele senhor não viu a máquina; viu a criança. Viu o mundo. Viu a beleza do pequenino atento e solícito à roda do tear a emendar fios, a pôr óleo, a mudar a canela, a trabalhar. Sempre que ali vou, eu vejo e sinto tudo quanto aquele senhor viu e sentiu; e vou mais longe. Vou um nadinha mais longe. Eu vejo mais.

Ninguém é capaz de ver assim, por que é com o coração que eu olho. Vejo o pequenino tecelão de agora, a roubar ontem frutas e peixe nos mercados e o mais que a ocasião lhe punha à frente. Vejo e choro de alegria, por ser o meu coração que vê.

Ora com o tórno dá-se precisamente a mesma coisa. Só um homem que seja capaz de compreender e amar, será também capaz de oferecer. Não é o tórno, é um torneiro que vale. É uma alma que se levanta. É um homem que ficará toda a sua vida a dizer bem. Vamos a vêr.

Fique sabendo o assinante 8341 de Vizela que tudo quanto nos têm enviado se tem recebido; e fiquem sabendo todos de uma vez para sempre que nunca se perdeu nem jamais tal acontecerá às coisas que enviam às nossas aldeias.

O que pode acontecer, e isso muitas vezes acontece, é que a gente não acuse, por falta de tempo e de espaço, mas reconhece.

Mais cem dum médico que chegou de Roma e viu o Papa. Mais cem do Porto. Mais o Dr. Zéquina.

Mais duzentos escudos em moedas pequeninas de alguém que prometeu fazer um pedidório no seu Bairro. Quantos não teriam dado, pois se as moedas eram tantas! Ficou saca e tudo.

Também a Comissão de Matosinhos que nos ofereceu as rédes, veio cá trazer mais sobras; 153\$00. E de Lourenço Marques; da Juventude Operária Católica de Lourenço Marques. Como ali tivesse corrido a fita «Não há rapazes Maus» um grupo destes operários resolveram colocar-se à saída e acaçaram nada menos de vinte e cinco contos ós senhores e ás senhoras que a foram ver! E vinte escudos de Lisboa. Mais de Lousada um vale de correio de 550\$00 escudos, em cumprimento de uma promessa feita ao Sr. Padre Cruz. Por estes dias chega mais um tear que nos ofereceram. É o principio duma coisa que pode vir a ser muito grande... Ora nós precisamos de serralheiros mecânicos. Já agora isso nos faz falta; estamos constantemente a ir fora, a

outras oficinas, por não termos em casa os arranjos.

Nós precisamos dum torno mecânico. Mais de Castanheira de Pera, aonde havia de ter ido e não fui, um fardo de tecidos de lã.

Uma das peças era um corte para um fato. O' riqueza inenarrável!

Eu fico todo contente quando vejo disto. Corre voz na aldeia e todos querem ir ver, e todos vêm mostrar as suas necessidades, e todos fazem promessas de grandes resoluções, e tudo isto é movido por um corte de fazenda, da qual se pode fazer um grandioso fato; grandioso digo bem. É este o nome que lhe dá, aquele que pela primeira vez o veste. Ainda ontem domingo, o Rui e o Lobo, que são dois alfaiates, vieram mostrar-se, cada um com o seu, que eles mesmos tinham feito; e, pelos olhos, via-se ser aquele o nome dos seus fatos: grandiosos. Quem é que nos manda alguns cortes? Nós não escolhemos; aceitamos. Mais de Coimbra brinquedos para o nosso pequenino internado; o do caramulo. Eu acho simplesmente adorável esta canseira de fazer um pacote, mandar ao correio, gastar nos sélos, só pelo gosto de dar! Mais cem escudos anónimos. Mais cinquenta ditos. Mais de Sintra outro tanto em dinheiro e uma estampa do Sagrado Coração de Jesus. Já tínhamos e agora temos mais esta. Mas há mais. Eu gostava muito de colocar um painel no salão de recreio e estava justamente a botar contas às dimensões e ao preço, quando entra pela porta dentro um senhor de Gaia, dono de uma fábrica de cerâmica, e antecipa-se. Pronto. Já lhe mandei uma pequenina estampa e o resto é da conta dele.

Eu gosto que os nossos rapazes tenham estas vistas; a imagem do Sagrado Coração de Jesus. Recordo-me de ter visto na Casa do Pequenino Jornaleiro, no Rio, um Crucifixo em tamanho natural colocado em um ponto aonde era passagem obrigatória, à noite, de todos os rapazes que iam para as suas camaratas.

Isto é importantíssimo na formação espiritual dum rapaz. Não vamos buscar a virtude ao madeiro, já se vê. É a impressão; a impressão causada na alma do rapaz, é que é. Que bem me fez a mim, pecador, ter visto naquele lugar a imagem do meu Jesus crucificado, a falar a cento e sessenta rapazes do Brasil, do mesmo berço destes que nós abrigamos!

Mais da Fonte da Moura 200\$00 deixados no Lar do Porto.

É de alguém que se constituiu a si mesmo devedor de cem escudos mensais. Também no Lar deixaram 300\$00 por ordem da Casa Fundação Marieta Gaio do Rio de Janeiro. Gosto destas notícias do Brasil e mais gostaria ter frequentes ocasiões de as dar aqui aos meus leitores... Mais de Aveiro cinco arrôbas de ameijoas frescas, que deram aqui uma pimpõna refeição.

Mais cinquenta escudos dum casal saloio. Mas será mesmo saloio, ou quer-se chamar assim? Chegou a encomenda do assinante 10043. Tenho aqui uma carta a dizer o que vinha e dá certo. Ontem andei pelo Porto à procura duma estampa-modélo e regresssei triste por não encontrar nada que fálasse. Esta sim. Esta fala. Esta vai ser o padrão. Quero-a no meu quarto de dormir. Se eu vier a morrer no meu leito, há-de ser à vista daquele dulcíssimo olhar. Esta oferta vem de Lisboa; o meu marido foi quem me pediu para eu lhe mandar esta estampa do Sagrado Coração de Jesus. Toda a carta é uma história que, por íntima, não pode ser aqui revelada. Mais uma pancadaria de notícias deixadas no Depósito; é gente que se vai ali desobrigar: Ele pagamentos de assinaturas, ele doses e meias doses da tipografia, ele satisfações de promessas e

NOTA DA QUINZENA OUTRA CARTA

Uma Confissão

Aqui há tempos eu lembrei ao Padre Manuel, de Miranda, a conveniência de ir a uma terra de onde nos chamavam, no intuito de oferecer donativos para a nossa obra. Eu acho muito bem que assim façam. Eu desejo que todos se lembrem de nós. Quanto maior fôr o número de homens de bem a chamar pelo nosso nome, mais pequeninos podemos receber daqueles que por nós chamam. Pois o Padre Manuel respondeu-me a dizer que sim. Iria mas lembrava outra conveniência. Lembrava a necessidade da presença. Eu até digo as suas palavras:

Eu tenho três casas à minha conta, com horas e dias marcados para cada uma e sinto a necessidade da minha presença no meio dos nossos rapazes.

Eu li a carta, dobrei e gostei muito.

Aquela presença de que fala este Padre da Rua, é facto incontestável. Ninguém pode educar sem esta acção. Estar constantemente no meio dos seus. Não, já se vê, a vigiar o que eles fazem, mas sim, observar de perto e afligir-se se fazem mal, ou alegrar-se se fazem bem.

E' a doutrina natural. As mães educam assim. Toda a mulher que se chama e é mãe, faz assim.

Elas nunca mais saem de casa desde que concebem e dão à luz o seu filho. Parece que perdem o interesse por todas as coisas da vida que não digam respeito aos seus filhos. E' uma absorção total, permanente, amorosa. Por isso mesmo a mãe é por natureza a educadora.

Ora a nossa obra é para os que não têm pai nem mãe. Ela não vale por dar de comer e de vestir às legiões de desditosos. Isso vem em segundo plano. A nossa missão é formar homens que não de ser, afinar consciências, trabalhar em profundidade, — educar. Também eu digo hoje aos meus leitores o mesmo que o Padre Manuel me disse, pelas mesmas razões e com igual convicção. Sem a acção de presença é impossível educar. Basta que os rapazes saibam que nós estamos. Eles gostam de saber o dia do regresso quando nos vêm sair pela porta fora. Por esta maneira de ser e sem palavras, também eles querem a nossa presença. Também eles querem esta maneira de educar. Porquê? Por amor do desgaste silencioso e necessário dos que educam. Eles não sabem, mas pressentem as nossas aflições. Noutro dia, um visitante pergunta ao cicerone se os rapazes não iam às uvas. As ramadas estavam cheias delas. O cicerone dá a resposta pronta e também a razão dela.

Não vamos porque o Pai Américo fica triste. O próprio visitante é que me disse isto que aqui se publica. Eles pressentem. Eles vêm no rosto as nossas aflições. E' a transfusão; a transfusão de valores essenciais da sublime tarefa de educar. Não há transfusão sem sangue. Eis como nós compreendemos

de votos, ele declarações de simpatia pela obra, ele roupas usadas de todas as cores, de todos os feitios e das mais variadas aplicações.

Mais 500\$00 deixados no Banco Espírito Santo. Mais mil de Montemor-o-Novo, Alentejo. Estou admirado. Mais 500\$00 de Lisboa. Também estou um nadinha admirado. Mais alguns vales do correio de vários pontos, a dizer que sim. Mais pequenas notas anónimas, por carta. Mais roupas. O presidente trouxe do Porto um magnífico fato azul. E mais coisa nenhuma.

demos a palavra e a acção de presença no meio dos nossos rapazes. Estou contentíssimo porque o P.^e Manuel compreende da mesma sorte.

Não obstante, nós todos, os actuais P.P. da Rua, temos por vezes de nos ausentar. Somos obrigados a ir procurar o que menos vale e a deixar num quase abandono aquilo que mais presta! Não há nada que mais faça doer a quem tem a experiência e fala do que sabe!

Eu, de por mim, sempre que me vejo forçado a ir ao pão, agarro-me com unhas e dentes à minha inculpabilidade e berro alto, interiormente, que a senhora D. Sociedade é que tem de ser chamada à pedra, por nos crear esta amarga situação. Eu acho isto um enfraquecimento; uma falta de sensibilidade, — agonia. A Agonia!

Falta sangue de Cristo na sociedade. Falta sim senhor. Vive cada um para si e mui poucos para os mais; quando nós havíamos de ser todos para todos, se nos temos na conta e gostamos de ser chamados discípulos de Jesus.

Eu finjo ser galhofa, e até anunciei em *Isto é a Casa do Gaiato*, aquilo do *Botas* ser nomeado à hora da ceia, por não termos conduto para todos. Mas custa-me os olhos da cara, vê um cento de creanças de braços estendidos e o prato vazio na mão: *ó Botas olha aqui.* E o *Botas* não olha porque não tem conduto para lhes dar!

Isto faz doer. E esta dôr não seria, se houvesse no mundo sangue de Cristo! E' a Agonia social.

Os grandes diários davam ontem uma notícia, que vale a pena meditar. Duas notícias. São do Brasil. Uma, fala do actual grito de alarme soltado pelos governantes, em face da mortandade catastrófica das creanças. Outra, logo ao pé, dizia de um homensinho que morreu a valer mil milhões de cruzeiros; mil milhões!

E' a Agonia. O agonisante pode ter os olhos abertos, mas não vê. E se o faz, não distingue. Assim a sociedade.

Eu gostaria de fazer homens fortes d'estes párias d'ontem. O pão é o primeiro elemento, e temos de o mendigar ou passar sem ele — *O' Botas, olha eu.*

A nossa Tipografia

E Lisboa, para o mais pequeno parafuso da nossa tipografia. E da assinante 8528. E Tavira; fala a assinante 3003. Ela. No fim se verá, mas parece-me que vão mais mulheres do que homens na procissão.

Foi com lágrimas nos olhos que li o primeiro Gaiato impresso em Paço de Sousa. *Estas lágrimas fazem bem a quem as chora e a quem delas ouve falar.*

E uma migalha de Ovar do assinante 8537. E Castelo Branco. E Leiria, para infileirar como bom militar. E um capitão do exército. Nem por isso temos tido notícias de galões no cortejo.

E de algures, assinante 8220. E Loureço Marques. E Beira. E' um número de pessoas amigas que nesta cidade se juntaram e ateimaram em ir na procissão. São nove deles. A nossa tipografia é ponto de aproximação. Já não temos quem nem além E' um só mar.

E Tomar. E Valbom. assina-se uma mãe. Vamos muito bem acom-

Ao percorrer, porém, todas as instalações, lembrei-me uma vez daquilo que todavia tem sido o meu sonho: — uma obra idêntica para raparigas. Certamente os rapazes correm grandes perigos, mas as raparigas estão ainda mais em perigo moral. Quantas almas se salvariam. quantas mães, quantas verdadeiras mulheres a sociedade reconquistaria. Numa rapariga não é só a moral que se salvaria, mas também numa grande parte dos casos, a sua própria vida, porque essas desgraçadas acabam por via de regras em plena mocidade, num hospital, corroidas de doenças, não saíam amanhã grandes valores, boas esposas, boas donas de casa. Porque não lança V. a ideia no seu jornal?

Ela é muito extensa, mas nós só publicamos isto que aqui se transcreve. O autor bembra uma campanha no jornal. Não é preciso, nem isto é matéria para ser assim tratada; são coisas muito íntimas, muito delicadas, muitíssimo profundas. Se uma obra de rapazes da rua assim é, que dizer de uma obra de raparigas da rua! Todos nós sabemos calcular.

Se aparecer no nosso meio a mulher forte que sinta inclinação para tomar conta, peça a Deus que lhe guie os passos e não comece antes nem vá além do que lhe fôr interiormente determinado. Começar pobremente, com número de raparigas muito reduzido, instalada numa quinta a muitas léguas da cidade, sem creadas nem ninguém que faça o trabalho de casa a não ser unicamente e exclusivamente as próprias raparigas da rua. E' tudo muito fácil.

A mulher forte que aparecer, seja um instrumento dócil e Deus aplina os caminhos.

Esta é a regra de bemfazer o impossível e o incrível. A história está cheia d'estes acontecimentos. Baste a recta intensão à Mulher que venha a dar o passo. Com os seus defeitos e qualidades pode fazer muito, — se souber deixar fazer.

panhados. A mãe é a trave. E o Porto. E uma prestação. E Matosinhos. E uma prestação de quarenta. Tenho de ir aos bocadinhos pois sou uma funcionária pública.

E Sintra, para completar a dose com que todos os assinantes devem contribuir.

Este senhor pai de muitos filhos acrescenta que se Deus não inspirar algum rico, os pobres não podem pagar a tipografia a pouco e pouco.

Ora é justamente o que está acontecer. E de Algures; vinte escudos que ganhei em férias.

Eis aqui. Eis o dinheiro que vale. Eis de como a tipografia há-de ser paga. A carta que a seguir se publica ainda fala mais alto. E' mais eloquente. E' uma lição aos medrosos:

Há muito que sinto o grande desejo de entrar com um donativo para a nossa tipografia. Sinto que é uma obrigação de todo o bom cristão. Mais: um dever que, faltando a ele, cometeria pecado.

Sou pobre e não consegui mais

Não sei se os senhores se recordam de eu me ter confessado aqui, por haver dito que não a uma excursão da Murtosa, quando me pediram para ver a minha cara; e apenas notei uma moeda de oiro que me quizeram deixar, disse que sim! Mostrei-me! Oh confissão!

Pois bem. Esta carta é uma resposta

Li no nosso Gaiato que gostava muito de ver oiro a lustrar... Sucede-me o mesmo, embora, infelizmente, por razão diversa...

Todavia, é por isso que lhe envio duas libras—uma por mim; outra, pelo meu marido— pedindo-lhe, ao mesmo tempo, peça a Deus me desprenda mais dos bens materiais, que são o maior tropeço da minha vida.

Bem haja por todo o bem que nos faz a leitura do «Gaiato».

Ninguém

Primeiro é uma recompensa. Que ninguém se arrependa de dizer o que sente, mesmo que isso lhe custe—ninguém.

Segundo é uma lição—e que lição! São Paulo, proibiu as mulheres de falar nas igrejas, mas fora delas não. Fora delas, podem pregar e Esta, prega o Evangelho; Tropeço. O maior tropeço!

Senhor, aumentai a minha fé para eu dar crédito a estas verdades e desprender-me cada vez mais!

cedo satisfazer este desejo. Mas se era pobre há um mês ou dois, hoje ainda o sou mais. Estou sem emprego e sem esperanças (no poder dos homens) de ter serviço depressa. Mas por isto mesmo eu sinto que é maior o meu dever de dar agora, nesta altura crítica da minha vida. Pensei em dar por cinco vezes mas... dicidei-me a dar tudo duma só vez.

Fico assim cheio de alegria e consolação por ter cumprido um grande dever. Tenho perto de mim uma obra que tendê para o mesmo fim: salvar as almas. Pois bem; agora já posso ajudar melhor esta porque já contribuí para a sua.

Não me quero apegar ao dinheiro; num cristão é um absurdo. Quero apesar de tudo e de todas as adversidades, ter confiança ilimitada em N. Senhor.

E Lisboa. E o pároco de Maiorca. E Belem. E Famalicão. E o Porto E Lisboa; na minha casa a única pessoa católica sou eu, mas o vosso jornal é um altar diante do qual todos nós ajoelhamos e lêmos com as lágrimas nos olhos.

Também isto vai na procissão! Não são precisas colgaduras nas janelas nem flôres no chão nem foguetes no ar nem opas nem nada. Bastam as lágrimas. Mais a última prestação dum casal amigo. E Ovar E Lisboa; eu e minha mulher já eramos um na procissão mas agora queremos agradecer a Deus a esperança dum primeiro filho. Precisamos de fazer um sacrifício.

Gosto muito desta doutrina. O sacrifício pessoal é o fundamento necessário da belesa. E no Porto; foi um sacerdote, pároco de algures, que rapou duma nota de cem, entregou-ma e andou. Cá vai na procissão. E pai e filha de Paços de Ferreira. E uma desconhecida para um parafuso. E uma viúva; fui juntando aos pouquinhos. E meia dose de Lisboa do assinante 7980. E Lamego; minha mulher e eu. No cartão que comunica esta oferta, o marido coloca-se no último lugar, dando o primeiro a sua Mulher.

Tenho topado este casal em vários hotéis de termas por onde costume peregrinar, e a posição é a mesma por isso, durante os meses dum grave doença que o

Isto é a Casa do Gaiato



Pirulas foi transferido para o Lar do Porto, aonde está exercendo o lugar de porteiro e refeiteiro. O Pirulas é pouco certo...

Antes de partir foi-lhe dito aqui em casa que se ele fizer mais alguma das que já tem feito, eu vou levá-lo à Régua, deixá-o ficar na rua e venho-me embora



ONTEM entrei na oficina de carpinteiro. Nós já temos sete carpinteiritos, fora o mestre que também é pela idade um carpinteiro. Como botasse os olhos em redor, notei que um quadro da parede estava de pernas para o ar. Quis saber e soube. Era o retrato do Fernando Moreira. Retrato colorido e em ponto grande.

Cuidando eu que aquilo fôra obra do acaso, disse a um dos rapazes que puzesse o Fernando

Moreira de cabeça para cima e pernas para baixo e ele respondeu-me que não. Que não o fazia, que ele mesmo é que tinha virado o Fernando Moreira. Outra vez quis saber a razão *O gajo perdeu*. Foi então que todos os carpinteiros levantaram a voz unânime dizendo que toda a gente esperava que ele ganhasse a Volta e que foi mas é o Dias dos Santos. E o antigo az lá ficou de cabeça para baixo nas oficinas de carpinteiro da Casa do Gaiato.

Que o Dias dos Santos tome nota...

Outro tanto se dá aqui em casa com os emblemas dos vários clubes da bola. A's vezes andam nas lapelas com o de cima para baixo. Outras vezes escondem-nos totalmente por de trás da mesma; e tem havido ocasiões em que os arremessam, consoante a sorte dos seis idolatrados. Eu não digo que isto sejam boas maneiras; não são. Não me parece que o sejam.

Eles deviam tomar conta dos acontecimentos com apurmo e serenidade como faz toda a gente.

Mas fica a lição. Estes rapazes demonstram de quão fraquinha não é a glória das coisas do mundo.

COMUNICA-SE aos nossos amáveis leitores que o «Fominhas» acaba de tomar conta de um emprego na rua de S.^{ta} Catarina; e ao mesmo tempo lamenta-se o importante desfalque que por este facto se dá na turma dos vendedores de «O Gaiato». E' que o Fominhas era um ótimo elemento.

Não levava a camisola amarela; longe disso. Esta tem-na o Abel. Mas fazia uma venda

muito segura e sobretudo muito direitinho nas contas.

Ao ser conhecida na aldeia a nova situação do Fominhas houve grande entusiasmo e muito falatório, pela sua popularidade. Fominhas é um nome e uma figura.

Perguntei a um companheiro qual era o nome dele. Perguntei a outro. Perguntei a muitos. Todos diziam o mesmo: E' o Fominhas. Ora eu tinha de dar baixa no livro de registo. Eu precisava de conhecer naturalmente o seu verdadeiro nome. Fui ter com um dos professores e soube: Delfim Ferreira: O Fominhas chama-se Delfim Ferreira. Temos no Porto mais um Delfim Ferreira.

FAISSCA é muito bravo. Ele é um dos sacristães e à oração da noite, não permite que nenhum rapaz entre ou saia pela porta da sacristia; não-de fazê-lo pela porta da capela. Ele intima e ameaça. Ontem à noite, um grupo de três resolveu desobedecer à Faisca e passaram-se da capela para a sacristia no intuito de levarem a sua àvante. Faisca fecha a porta muito depressa, encosta-se a ela e declara que por ali ninguém passa. No mais acêso da discussão eu apareci e tomei o partido do Faisca. Eu tinha de tomar o partido do Faisca. O grupo desandou, saiu pela porta da capela e veio colocar-se à da sacristia, pelo lado de fóra, com ameaças ó Faisca: *deixa que tu hás-de aqui passar*. Eles eram três. Faisca, de dentro, ouvia. Deu uma volta na chave e deixou-se ficar até eu sair; e saiu debaixo da minha capa...

A palavra e o conceito de Democracia, são como o dinheiro gasto; não se distingue a cara da corôa. Aqui nao. Não há equívocos. Anda tudo à flor. Miudos, sim, mas povo. O Zé da Lenha chama por tu ó Júlio! De nada lhe valeu ter andado cinco anos na escola, e ter ficado distinto e ter sido apresentado deante do pessoal como o gerente da tipografia. Nada. Podem chamar-lhe o senhor Júlio ou o senhor Mendes, como fazem os de fóra. O Zé da Lenha não.

O Avelino, outro que fóra de cá seria o senhor Santos, é simplesmente e democraticamente o Avelino, a quem os mais pequenos dão beijos e pedem caixotas para brincar. O Sérgio, um grandalhão de 22 anos, não tem melhor sorte; o Bucha trata-o por tu! O António carpinteiro, a quem uma carta do Porto vinha a chamar o senhor Fernandes, mestre d'essa carpintaria; o António, digo, aqui é só António. Até eu, que devo ser hoje lá fora a pessoa mais celebrada, aqui dentro sou raso. Rasinho.

OZé da Lenha foi transferido da redacção para a tipografia. Está na secção dos impressores. Os carpinteiros fizeram-lhe um banco para onde ele trepa e de cima recebe o jornal ou qualquer outro trabalho a sair da máquina. Está ali horas consecutivas sem pestanejar.

Tem ao pé uma vassoira e sempre que a correia do motor ameaça sair do sitio, ele vai lá com o pau e põe-na no seu lugar. Esta é a quinta obrigação do Zé da Lenha desde que para cá



O Zé da Lenha é o maior. O mais pequeno é o Bucha; o que correu à lapada pela avenida abaixo um grande malcreado, como aqui foi dito. O Bucha, é o meu advogado; o malcreado, ia a chamar-me nomes feios. Enquanto não tira carta, vai o Bucha usando calhaus...

entrou; a primeira foi da lenha; acarretar lenha para a cozinha, de onde lhe veio o nome. A segunda foi na rouparia. A terceira na enfermaria. A quarta na redacção. A quinta esta que agora digo.

Também estive na portaria, mas foi um desastre... Zé da Lenha teve um tempo em que também ia ao Porto vender «O Gaiato» mas descobriu-se uma certa coisa e ele nunca mais lá foi... A mãe, que sempre o esperava, ao saber pelos outros que eu o não deixava voltar, cobriu-me de nomes feios; nomes que ela sabe. Ela é dos Guindais.

TRABALHO

Temos recebido algum. São pequeninas encomendas que nos chegam dia a dia de terras, aonde temos assinantes; de S. Gregório á ponta de Sagres!! Mandam à experiência. Não é trabalho macisso. Ninguém quer riscos, que neste caso, seriam nossos. E' por simpatia que vêm ao nosso encontro, quer espontaneamente quer porque pedimos; a nossa obra interessa a todos.

A nossa maneira de pedir trabalho é sã e muito equitativa. E' o Júlio quem escreve. Ele pede aos senhores que repartam; que dividam por nós. Entre as quatro operações que todos nós conhecemos, esta é de todas a mais jubilosa. Repartir. Dividir.

O Júlio, que está sempre ao pé de mim quando o Avelino chega do correio, se a carta lhe cheira a trabalho, fica impaciente e ameaça abri-la se eu o não faço imediatamente. Avelino, mais calmo, espera pelas dele e até costuma ler o jornal enquanto eu acabo aquela hora de despacho. Eu gostaria que todo o mundo estivesse aqui ao pé de mim para observar como estes dois rapazes tomam calor pelas coisas deles; obra de rapazes para rapazes pelos rapazes.

marido suportou, esteve ela sempre à cabeceira; o primeiro lugar. E hoje vão na procissão. Grande procissão! E uma de Leixões. E Paio Mendes. E a Guiné; é uma a valer por dois.

Vamos a elas:

Antes 240.000\$00
Agora 3.700\$00
243.700\$00

Vamos devagarinho, sim, como é próprio das procissões,—mas caminhamos. Mais uns pontos e chegamos ao meio. Temos muita gente a ver-nos passar; os chamados capitalistas espreitam de longe...

Até aqui são tudo notícias consoladoras, mas acabo de ter conhecimento de um senão, o qual me apraz dar à estampa. E' doutrina. Nós temos de fazer doutrina do bem e do mal que nos acontece.

Ora aqui vai: Ouvi dizer que algumas tipografias do Porto têm refilado. Que não há direito. Que eu passei a ser um concorrente desleal. Que a gente não paga taxas nem indústria ao Governo. Que o alvará não nos custou dinheiro. Que havíamos de trabalhar sómente para a casa, e mais e mais e mais. Eles dizem, e eu também vou dizer. Ora aqui vai: Enquanto ando arrastado, a mendigar o pão destes meus filhos, sou um apóstolo. Se procuro que eles o comam com o suor do seu rosto, sou um concorrente.

Era de uma vez um cão que levava nos dentes um grande naco de carne e ao passar por uma prês, viu no espelho da agua outro cão...

Nós porém confiamos no nosso firme propósito de fazer tudo quanto em nós esteja, para trocarmos a chapa de mendigo pelo trabalho.

Este é o caminho. A tipografia é apenas uma das indústrias que já cá temos, e há-de ser testemunha, a seu tempo, das mais que havemos de instalar. Para algo temos rapazes nos Seminários, nos Liceus e nas Universidades; e o Júlio acabou o seu curso comercial, mas vai subir mais um degrau. Porque não havemos nós de aproveitar dentro da obra e para o bem da obra, valores reais, que não-de necessariamente duplicar, quando sentirem praticamente que estão trabalhando e produzindo para o bem dos seus irmãos da Valêta?! Mais. Quando nós estivermos em posição de fornecer ao mundo operários e artistas de escol, quanto não nos fica o mundo a dever?! Talvez as tipografias que hoje ralham, ficariam muito contentes de possuir em suas oficinas um mestre de consciência. Um artista de

Notícias da Casa do Gaiato de Lisboa

Uma história triste—Morreu-me uma tia em Outubro do ano passado, e como de lei a minha mãe recebeu uma herança, que andava aí por uns 30.000\$00. Com este dinheiro, queria ela subir para o terceiro andar sem passar pelo segundo, como o povo costuma dizer.

Um dia destes, vieram-me chamar, quase ao fundo da quinta, para vir muito depressa a umas «Senhoras», que estavam à minha pergunta, e eu vim com um passo vulgar. Cheguei perto do portão e vi um casal, que não me era estranho, e eles aproximam-se e dizem:—vimos aqui mandados de tua mãe, para te ver. Nisto dou mais meia dúzia de passos e encontro-me com a minha mãe e com uma irmã. A minha mãe puxa por um saco de notas, e pegando numa boa porção delas diz:—Toma para ti. Mas eu não queria aceitar, contudo, a algum custo fiquei apenas com 200\$00, aos quais dei a melhor aplicação que sabia.

Era o dinheiro que naquela altura mandava; vinham num bom taxi, as comidas e bebidas não faltariam. Eram 4 pessoas, tudo a explorar a

formação moral. Um operário que tenha dentro de si e mostre nas coisas mínimas o santo temor de Deus.

Quanto não nos fica o mundo a dever! E nós não pedimos nada por isso.

Nós pedimos umas migalhinhas de trabalho e nem isso querem que a gente faça!! Havemos de andar arrastados, diminuídos, ouvindo tantas vezes e por tantos títulos aquilo que nos parece mal. Ele não é verdade, já se vê, mas por aquilo que se faz e diz, muita gente pode ser inclinada a supor que os grandes buscam cada vez mais para si e gostam de ver os pequenos cada vez mais pequenos...

minha mãe. Já tinham ido ao Porto e a outras terras mais. Eu não quiz ficar com a fama de explorador também; para que um dia me não venham encomodar. Já sei que ela não tem nada, porque em quanto há dinheiro há amigos.

Agora que se acabou o dinheiro eles desapareceram e ela voltou aos fretes como dantes.

Pouco depois de aqui chegarmos começou um retiro, mas por infelicidade nem todos o levaram ao fim. Numa noite depois da ceia começaram quase todos a sentir-se mal, se calhar por causa do bacalhau que já não estava bom, e ninguém mais teve descanso. Eram mais de 50 todos a vomitar etc. O Sr. Engenheiro; o Sr. P. Luís e o Sr. P. Adriano, nem sabiam a quem haviam de acudir. Foi uma noite terrível. Felizmente de manhã já quase todos dormiam e Graças a Deus, logo uns dias depois já estavam todos levantados excepto um, que ficou piorzito.



Morreu um dos nossos irmãos—Com a febre intestinal morreu-nos o Mário—Rouxinol, da rouparia. Foi uma tristeza para todos. Há uma semana que padecia, sem um momento de descanso. Estava sustentado a sôto, a estreptomocina e outros remédios, que nunca lhe faltavam. Também não lhe faltou a visita de médicos e ainda muito menos quem lhe desse consolações. Findou no dia de S. Miguel e foi para a companhia dos anjos. Os amigos que ele tinha em Lisboa e que lhe davam de comer sempre que ele lá ia vender o jornal, que rezem pela sua alma que nós fazemos o mesmo.

Gostávamos de ter umas alminhas para sempre nos lembrar-mos dos nossos mortos. O Mário foi o primeiro desta casa.

Deus o conserve para sempre.

PEDRO JOÃO